

Crítica ao conceito de marxismo ocidental¹

PEDRO LEÃO DA COSTA NETO*

Um traço recorrente em diferentes interpretações da história da tradição marxista foi pensá-la no interior de concepções antitéticas. Alvin Gouldner identificava a oposição entre marxismo científico e marxismo crítico (Gouldner, 1989); por sua vez, Gyorgy Markus dividia o “paradigma marxista da produção” em teorias do “processo sem sujeito”, que remeteriam a um marxismo cientificista e destacavam o conceito de trabalho, e teorias do “sujeito coletivo”, que privilegiavam o conceito de práxis (Markus, 1982, p.80). Por fim, Roy Bhaskar identificava uma corrente dialética (historicismo, humanismo, teoria crítica) e uma corrente materialista (Bhaskar, 1988, p.58-59). Entretanto, foi a contraposição entre marxismo ocidental e marxismo oriental/marxismo soviético que encontrou maior difusão nas diferentes tentativas de reconstrução do marxismo.

Não seria exagero afirmar que o conceito de marxismo ocidental desempenhou um papel decisivo nas discussões e combates teóricos ocorridos na tradição marxista no século XX. E como tentaremos mostrar, a história do surgimento e a sucessiva difusão desse conceito guarda uma estreita relação com os debates políticos e ideológicos travados no interior do marxismo do século passado.

¹ Este artigo foi originalmente apresentado no Seminário Temático “Marxismo e seus críticos” do 37º Encontro Anual da Anpocs e no Grupo de Pesquisa Pensamento Social, Intelectuais e Circulação de Ideias da UFPR. Gostaríamos de agradecer as leituras atentas e sugestões críticas apresentadas durante a sua discussão.

* Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagem da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: zhores@terra.com.br

Uma pequena história do conceito de marxismo ocidental

As origens da utilização do termo marxismo ocidental podem ser recuadas aos intensos debates que se sucederam ao aparecimento, nos primeiros anos da década de 1920, das obras *História e consciência de classe*, de György Lukács (2003), e *Marxismo e filosofia*, de Karl Korsch (2008). O próprio Korsch observou, ao responder a seus críticos em “Estado atual do problema (Anticrítica)” (1930), que o aparecimento do seu livro e o de Lukács desencadeou uma acirrada polêmica e uma sucessiva divisão entre duas diferentes tendências: comunistas ou marxistas russos e comunistas ou marxistas “ocidentais”.

Referindo-se a essa questão, Korsch observa:

Desde a sua publicação, os estudos de György Lukács sobre a dialética marxista, assim como a primeira edição de *Marxismo e filosofia*, encontraram uma recepção extraordinariamente hostil na imprensa russa e comunista de todos os países. (...) A direção do Partido Comunista russo empreendeu, sob a palavra de ordem de “propaganda do leninismo”, a “bolchevização” ideológica de todos os partidos não russos vinculados à Internacional Comunista. O elemento central, o núcleo dessa ideologia “bolchevique”, era uma ideologia estritamente filosófica que se pretendia restauradora da verdadeira e autêntica filosofia marxista e tentava, nesta condição, enfrentar-se com todas as outras tendências filosóficas no interior do movimento operário moderno. (Korsch, 2008, p.95-96)

E acrescenta no parágrafo seguinte:

Esta filosofia marxista-leninista que se propagava para o Ocidente encontrava nos meus textos, nos de Lukács e de outros comunistas “ocidentais” uma tendência filosófica antagônica, no próprio seio da Internacional Comunista; aí colidiram, de fato, as duas tendências revolucionárias surgidas no pré-guerra da Internacional Social-Democrata e que, na Internacional Comunista, apenas aparentemente tinham se unificado. (Korsch, 2008, p.96)²

Outro importante momento na história da constituição do conceito de marxismo ocidental será o conhecido livro do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, *As aventuras da dialética*, publicado em 1955, cujo Capítulo II é intitulado, remetendo ao texto citado de Korsch, “O marxismo ‘ocidental’” (Merleau-Ponty, 1955, p.43-80). O autor nele contrapõe o “marxismo de influência weberiana” do filósofo húngaro Lukács ao “marxismo-leninismo”. Merleau-Ponty, no início do Capítulo III, “Pravda”, afirma:

2 Em uma nota de rodapé deste mesmo texto, no qual se discute um artigo do socialdemocrata Max Werner, dedicado ao “marxismo soviético”, Korsch também faz uma referência expressa ao marxismo ocidental e ao marxismo russo (Korsch, 2008, p.114).

A tentativa de Lukács foi muito mal recebida pela ortodoxia. Em particular os “marxista-leninistas” consideraram, imediatamente, como uma revisão e uma crítica do marxismo um livro que queria somente desenvolver a dialética marxista. (...) Seus adversários não estavam errados em opor como irreconciliáveis as ideias filosóficas de Lênin e as daqueles que se identificavam ao que chamavam, segundo Korsch, o “marxismo ocidental”. (Merleau-Ponty, 1955, p.81-82)

Entretanto, dois sucessivos acontecimentos políticos serão determinantes para a generalização de seu uso. O primeiro, os acirrados debates desencadeados pela leitura do relatório de Krushev (Sobre o culto à personalidade e suas consequências) frente ao XX Congresso do PCUS e o subsequente processo de desestalinização.³ O segundo, a conjuntura teórica sucessiva a maio de 1968, na qual, justamente, a expressão marxismo ocidental encontrará uma grande difusão, ganhando os seus definitivos contornos e tornando-se um conceito amplamente utilizado. Andrew Arato e Paul Breines nos oferecem, de forma sintética, a trajetória do conceito de marxismo ocidental:

Esta denominação adquiriu certa aceitação em 1955 com um ensaio de Maurice Merleau-Ponty que levava esse nome. (...) Com o uso do termo marxismo ocidental, Merleau-Ponty seguia explicitamente o tema que haviam discutido na década de 1920, tanto os críticos soviéticos do livro de Lukács, como o pequeno grupo de seus defensores da esquerda intelectual na Europa. Depois do ensaio de Merleau-Ponty, o significado do termo se ampliou até referir-se, de maneira geral, a uma corrente da teoria marxista que começou com Lukács e seus contemporâneos, Karl Korsch e Antonio Gramsci, que chegou até a obra de Herbert Marcuse e outros relacionados com a Escola de Frankfurt, que influenciaram Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre e outros “marxistas existenciais” franceses, e que finalmente alcançou alguns segmentos da Nova esquerda na década dos 60. (Arato e Breines, 1986, p.11)

Acreditamos, entretanto, que essa definitiva carreira corresponde à aparição e recepção do livro de Perry Anderson *Considerações sobre o marxismo ocidental*,⁴ escrito em 1974 e publicado em 1976. A partir de então, se tornará um conceito consagrado, em particular no mundo de língua inglesa, onde aparecerá em títulos de diferentes livros e artigos⁵ e sucessivamente em verbetes de diferentes

3 É justamente no interior deste processo que as obras de György Lukács, *História e consciência de classe*, e Karl Korsch, *Marxismo e filosofia*, que marcam justamente o surgimento do marxismo ocidental, serão republicadas e traduzidas para diferentes línguas.

4 “A tentativa mais original para definir as características do marxismo ocidental é a obra de Perry Anderson, *Considerações sobre o marxismo ocidental* (Lövy, 1982, p.717).

5 Para uma bibliografia de livros e artigos dedicados ao marxismo ocidental, consultar as indicações dadas no livro, anteriormente citado, de Andrew Arato e Paul Breines. Cf. igualmente: (Merquior, 1987).

dicionários marxistas pelo mundo afora. Antes de nos ocuparmos do livro do historiador inglês, é importante destacar aqui que ao longo da década de 1970 surgiram inúmeras obras que procuravam realizar diferentes balanços da história do marxismo. Os exemplos mais destacados são: *Historija Marksizma* [História marxista], redigida pelo membro do “Grupo Práxis” Pedrag Vranicki (1977), cuja segunda edição revista e ampliada é de 1971; a obra coletiva publicada pelo Istituto Giangiacomo Feltrinelli *Storia del Marxismo Contemporaneo* [História do marxismo contemporâneo] (Zanardo, 1973), que entretanto não se ocupava dos autores marxistas pertencentes à tradição ocidental analisada por Anderson; o capítulo de André Tosel (2004, p.902-1045) “Le développement du marxisme en Europe occidentale depuis 1917” [O desenvolvimento do marxismo na Europa ocidental desde 1917], escrito para a *Histoire de la Philosophie*, da *Encyclopédie La Pléiade* (1974); o verbete de Lucio Colletti (1983, p.15-61)⁶ “O marxismo do século XX”, para o Istituto della Enciclopedia Italiana (1975); a história do marxismo do filósofo polonês Leszek Kołakowski, *Główne Nurty Marksizmu* (1976-1978) e, enfim, cabe lembrar que a partir do final desta mesma década será publicada a *História do marxismo*, obra coletiva organizada por Eric Hobsbawm. Estas rápidas indicações demonstram que a preocupação em oferecer um balanço da história do marxismo se encontrava na ordem do dia, em particular após o grande desenvolvimento atingido pelo marxismo na década de 1960.

Considerações sobre o marxismo ocidental de Perry Anderson

O ensaio de Perry Anderson está estruturado em torno de cinco capítulos, o primeiro dedicado à “tradição clássica”, no qual aborda as principais características, tanto da obra de Marx e Engels – “os fundadores do materialismo histórico” –, como a do conjunto dos teóricos que os sucederam, ou seja, desde o marxismo dos principais representantes da II Internacional, até as contribuições de Bukharin e Preobrazhensky. Os três capítulos sucessivos: “O advento do marxismo ocidental”, “Mudanças formais” e “Inovações temáticas” estão voltados a analisar o marxismo ocidental; em primeiro lugar, a geração da década de 1920, que constituiu essa tradição propriamente dita, assim como a geração posterior à Segunda Guerra Mundial, procurando identificar as características gerais dessa nova tradição de teóricos marxistas e o que a distinguiu da “tradição clássica”. Por fim, o quinto e último capítulo, “Contrastes e conclusões”, refere-se às possibilidades abertas para a teoria marxista a partir do “levante revolucionário de massas” de maio de 1968, assim como analisa brevemente outra tradição que se constituiu de forma paralela à do marxismo ocidental: a tradição associada à obra de Leon Trotsky e

6 Do mesmo Colletti, é igualmente importante a sua entrevista para Perry Anderson publicada na *New Left Review*, em 1974 (Colletti, 1975, p.3-62). Sobre esta referida entrevista, o próprio Anderson destacou: “Este notável texto é de grande importância para toda uma gama de problemas teóricos e políticos discutidos neste ensaio” (Anderson, 1989, p.72).

de alguns teóricos ligados ao seu legado (Isaac Deutscher, Roman Rosdolsky e Ernest Mandel).

A importância do ensaio do historiador inglês consistiu, independentemente do juízo que dele façamos, na tentativa de reconstruir e analisar de forma sistemática as principais características teóricas e a identidade conceitual de cada geração, os deslocamentos geográficos e temáticos ocorridos entre as diferentes e sucessivas gerações, articulando-os à história política em geral e à história do movimento operário e revolucionário em particular, assim como de estabelecer a relação entre os intelectuais marxistas com este referido movimento, ou seja, problematizar a relação entre teoria e prática. Anderson, dessa maneira, forneceu um conjunto de informações e análises que se tornaram referência para todos os que procuram conhecer a história do marxismo.

Trataremos, de forma sintética, correndo o risco de algumas simplificações, de expor as principais concepções desenvolvidas por Anderson em seu livro.

No próprio início do seu trabalho, Anderson nos deixa claro o objeto de sua análise:

O objeto específico de consideração aqui será o “marxismo ocidental”, um termo que em si não indica espaço ou tempo precisos. Portanto, o objetivo deste breve ensaio será localizar historicamente um determinado corpo de trabalho teórico e sugerir as coordenadas estruturais que definem sua unidade (...) como uma tradição intelectual comum. (Anderson, 1989, p.14)

Para isso, como já dissemos acima, procurará identificar as diferentes gerações constitutivas da história da tradição marxista, identificando a origem geográfica e social de seus membros, os temas característicos de cada uma dessas gerações, assim como a relação de seus diferentes membros com o movimento operário e revolucionário em cada momento. Por fim, também procurará isolar os diferentes deslocamentos geográficos e temáticos ocorridos entre as diferentes gerações.

O ponto de partida de sua análise é o que nomeou de “A tradição clássica”.⁷ Os traços característicos dessa tradição, que, além de Marx e Engels, englobaria ainda os fundadores do marxismo e uma série de seus seguidores: os nascidos entre

7 Como observou, de passagem, Alex Callinicos, esta é “uma expressão retomada de Isaac Deutscher” (Callinicos, 2001, p.82). É importante sublinhar, entretanto, que Deutscher distingue entre o que ele chama de marxismo clássico e marxismo vulgar, seguindo a distinção de Marx entre economia política clássica e economia vulgar. Seria curioso lembrar aqui como Deutscher caracteriza a distinção entre estas duas formas de marxismo: “Temos o divórcio entre teoria e prática, e temos um contraste notável – e, para um marxista, frequentemente humilhante – entre o que eu chamo o marxismo clássico, isto é, o corpo do pensamento desenvolvido por Marx e Engels e seus contemporâneos e depois deles por Kautsky, Plekhanov, Lênin, Trotsky e Rosa de Luxemburgo, e o marxismo vulgar, o pseudomarxismo das diferentes variedades de socialdemocratas europeus, reformistas, stalinistas, kruschevistas e outros do mesmo estilo” (Deutscher, 1975, p.17). É claro, portanto, que a noção de marxismo vulgar de Deutscher não corresponde à de marxismo ocidental de Anderson.

1843 e 1888, entre eles os mais velhos, da década de 1840: Labriola e Mehring; Kautsky e Plekhanov, nascidos na década de 1850; e, por fim, a geração mais jovem: Lênin, Rosa Luxemburgo, Hilferding, Trotsky, Bauer, Preobrazhensky e Bukharin, todos nascidos nas décadas de 1870 e 1880.⁸

Uma das características principais dessa tradição seria o estreito vínculo entre teoria e prática que, entretanto, assumia diferentes formas entre as várias gerações constitutivas dessa mesma tradição – desde uma proximidade com o movimento operário até a ocupação de cargos dirigentes em seus respectivos partidos políticos.

Da mesma maneira, existia uma série de temas que caracterizou essa tradição. Ao lado da obra de Marx e Engels, Labriola, Mehring, Kautsky e Plekhanov procuraram, em certa medida, dar continuidade aos trabalhos de Engels. Anderson observa, sobre as características temáticas desses teóricos:

Eles estavam interessados, de formas diferentes, em sistematizar o materialismo histórico como uma abrangente teoria do homem e da natureza, capaz de substituir doutrinas burguesas rivais e dar ao movimento operário uma visão de mundo ampla e coerente que pudesse ser facilmente apreendida por seus militantes. Como ocorreria com Engels, tal tarefa implicava para eles um duplo compromisso: produzir documentos filosóficos gerais do marxismo como uma concepção da história e estendê-lo a terrenos que não tinham sido diretamente tocados por Marx. (Anderson, 1989, p.19)

Uma segunda temática, que assumirá um papel preponderante após o início do século XX, são os trabalhos de economia que procuravam compreender as transformações ocorridas no modo de produção capitalista, como também sua especificidade em diferentes países. Como exemplos, podemos enumerar: *A questão agrária*, de Kautsky; *O capital financeiro*, de Hilferding; *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, de Lênin; *A acumulação do capital*, de Rosa de Luxemburgo; *Imperialismo e a economia nacional*, de Bukharin; e *O Imperialismo, etapa superior do capitalismo*, de Lênin. Muitas vezes esses trabalhos eram acompanhados de intensos debates, como o caso do livro de Rosa de Luxemburgo.

Outra temática que teve um grande florescimento foi a teoria política. Particularmente importantes aqui são os trabalhos de Lênin, Rosa de Luxemburgo e Trotsky; cabe ainda destacar o livro de Otto Bauer sobre a questão nacional.

Entretanto, esse período clássico não se reduz a essas obras, a Revolução Russa trará uma série de implicações teóricas que foram também objeto de reflexão por parte dessa geração.

8 Cf. o quadro reproduzido por Anderson, com as datas de nascimento/morte e a origem geográfica de cada um dos membros dessa tradição, o que permite identificar os deslocamentos geográficos entre as diferentes gerações constitutivas dessa tradição (Anderson, 1989, p.21).

Anderson igualmente enumera diferentes trabalhos dedicados à economia capitalista e suas crises e que dariam continuidade a essas temáticas (Henryk Grossmann, Fritz Sternberg, Natalie Moszkowska e Paul Sweezy) (Anderson, 1989, p.37-39).

Essa tradição clássica será concluída, segundo o nosso autor, com uma série de reveses históricos: a derrota da revolução proletária no Ocidente, a ascensão do fascismo e do nazismo na Europa Ocidental e a consolidação do stalinismo na URSS, que, segundo o historiador inglês, levará a uma total regressão do marxismo na URSS. Anderson afirma:

O marxismo foi, em grande medida, reduzido a uma simples evocação na Rússia, ao passo que Stalin atingia seu apogeu. O país mais avançado do mundo no desenvolvimento do materialismo histórico, superando toda a Europa pela variedade e vigor de seus teóricos, foi transformado, em não mais de uma década, em uma terra de semianalfabetos, notável apenas pelo rigor de sua censura e pela cruza de sua propaganda. (Anderson, 1989, p.35)

Será justamente esse conjunto de derrotas que dará lugar a uma nova tradição marxista: o marxismo ocidental, deslocando o centro de gravidade da reflexão marxista a fundamentalmente três países: Alemanha, França e Itália.

Novamente aqui, essa nova tradição estará constituída de diferentes gerações: a geração mais velha de Lukács, Korsch, Gramsci, Benjamin, Horkheimer, Della Volpe e Marcuse, que nasceram nas décadas de 1880-1890; Lefebvre, Adorno, Sartre, Goldmann e Althusser das décadas de 1900 e 1910, e enfim o mais jovem de todos, Colletti, nascido na década de 1920.⁹

Anderson, da mesma maneira que fez para a tradição clássica, identifica as características principais dessa nova tradição do pensamento socialista. Segundo nosso autor:

A primeira e mais fundamental de suas características foi o divórcio estrutural deste marxismo com a prática política. A unidade orgânica entre teoria e prática realizada pelos teóricos da geração clássica de marxistas antes da Primeira Guerra (...) seria progressivamente desfeita entre 1918 e 1968, na Europa Ocidental. (Anderson, 1989, p.48)

Entretanto, como o próprio Anderson observa na sequência, o definitivo divórcio entre teoria e prática ocorrerá gradualmente e se concluirá apenas na década de 1930. A consequência direta dessas alterações é esboçada por Anderson:

9 Cf. igualmente o quadro reproduzido por Anderson para essa tradição (de conteúdo semelhante ao da nota 9) (Anderson, 1989, p.45).

Desde o seu início, o grupo esteve sujeito a severas restrições políticas em seu trabalho teórico, uma vez que, a essa altura, todas as questões centrais referentes à análise do desenvolvimento capitalista e ao comportamento da luta de classes eram atribuição exclusiva do Comintern (...). Assim, o espaço para a atividade intelectual dentro do marxismo reduziu-se bastante no âmbito dos partidos comunistas europeus. (Anderson, 1989, p.56)

Nesse mesmo sentido, referindo-se às relações entre os intelectuais e os partidos comunistas, observa páginas adiante:

A consequência desse impasse seria o silêncio premeditado do marxismo ocidental naquelas áreas mais fundamentais para as tradições clássicas do materialismo histórico, quais sejam: o exame das leis econômicas do funcionamento do capitalismo como um modo de produção, a análise da máquina política do Estado burguês, a estratégia da luta de classes para derrubá-lo. (Anderson, 1989, p.66)

Esse deslocamento geográfico, o divórcio entre teoria e prática e suas consequências para o trabalho teórico virão acompanhados de outras mudanças igualmente importantes. No lugar daquelas temáticas características da tradição clássica, o marxismo ocidental se ocupará de questões que tinham, até então, ocupado um lugar menor, ou mesmo que não estavam presentes na tradição clássica.

Um primeiro deslocamento temático foi em direção à filosofia e, em particular, à epistemologia e à teoria do conhecimento (Anderson, 1989, p.75-80).¹⁰ Associado a esse deslocamento, estão duas outras importantes características.

A primeira, nomeada por ele de eixo vertical de referências, é a procura de diferentes antecedentes teóricos, ou seja, o problema da filiação a sistemas filosóficos pré-marxistas; nesse aspecto, o problema da relação entre o marxismo e Hegel, independentemente da resposta dada, assume uma importância paradigmática (Anderson, 1989, p.88-94).

Referindo-se a esse diálogo com as diferentes tradições pré-marxistas, Anderson afirma:

Neste ponto, todos os principais sistemas teóricos do marxismo ocidental revelam o mesmo mecanismo espontâneo; sem exceção, todos tiveram que recorrer a filosofias pré-marxistas para legitimar, explicar ou suplementar a filosofia do próprio Marx. (Anderson, 1989, p.86)

A segunda nos remete ao problema da “vitalidade da cultura burguesa”, que ele nomeia, para distinguir do anterior, de eixo horizontal de referências, isto é,

10 Anderson (1989, p.76ss) observa, igualmente, a contribuição que a publicação dos *Manuscritos econômico-filosóficos* e outros escritos filosóficos, até então inéditos, tiveram nessa viragem.

o diálogo dos diferentes teóricos do marxismo ocidental com diferentes correntes representantes da cultura burguesa: a linguística de Saussure, a psicanálise de Freud, a sociologia de Weber e Simmel e, na filosofia, a forte presença de diferentes correntes contemporâneas, entre as quais o historicismo de Croce, a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Heidegger (Anderson, 1989, p.82ss).

Esse intercâmbio constante com sistemas de pensamento alheios ao materialismo histórico, e frequentemente vistos como antagônicos a ele, era algo inédito na história da teoria marxista antes da Primeira Guerra. Era uma inovação peculiar, específica do marxismo ocidental (Anderson, 1989, p.85).

Outra novidade será a rejeição à filosofia de Engels praticamente generalizada entre os diferentes representantes do marxismo ocidental (Anderson, 1989, p.86).¹¹

Associada a esse deslocamento temático para a filosofia e as questões metodológicas, ocorreu igualmente uma mudança nas esferas sociais que passaram a ser objeto privilegiado de investigação. Referindo-se a isso, Anderson observa:

Ao avançar além das questões de método para focalizar questões substantivas, acabou por concentrar-se predominantemente no estudo de superestruturas. As ordens superestruturais específicas que receberam as atenções mais constantes e minuciosas eram aquelas que ocupavam as posições “mais altas” na classificação das distâncias em relação à infraestrutura econômica, para citar uma expressão de Engels. Em outras palavras, não residiam no Estado ou na Lei a origem dos objetos mais comuns de suas investigações. Foi a cultura o alvo central de suas atenções.

Dentro do domínio da cultura em si, foi sobretudo a Arte que mobilizou os mais destacados talentos e energias intelectuais do marxismo ocidental. (Anderson, 1989, p.109)

Perry Anderson ressalta ainda, algumas páginas adiante, o caráter distintivo e inovador, relativamente ao marxismo clássico, de uma série de preocupações teóricas:

(...) Os principais sistemas intelectuais no interior do marxismo ocidental (...) geraram também temas teóricos totalmente novos e mais importantes para o materialismo histórico como um todo. A característica dessas criações é o fato

11 Uma exceção a esse respeito será a obra de Sebastiano Timpanaro, figura singular no interior do marxismo ocidental (Anderson, 1989, p.105 e 133-134). É importante aqui destacar que Timpanaro, em um conjunto de intervenções, definia de forma crítica e paradoxal o “materialismo ocidental”. Em seu livro *Sul materialismo* afirmava: “Talvez a única característica comum a todo o marxismo ocidental (com raríssimas exceções) seja a preocupação em defender-se da acusação de materialismo” (Timpanaro, 1973, p.18). Ou: “Um caráter comum a grande parte do marxismo ocidental atual: o antiengelsianismo” (Timpanaro, 1973, p.71). Ou ainda, sucessivamente, de modo irônico: “Se eu tivesse que dar uma definição a mais breve e exata possível do típico ‘marxista ocidental’, diria: ‘um indivíduo totalmente convicto que Freud teve sempre razão’” (Timpanaro, 1992, p.177).

de constituírem inovação radical no quadro do legado clássico do marxismo. É possível defini-las pela ausência de qualquer indicação ou antecipação delas nos textos de juventude ou maturidade de Marx ou de qualquer de seus herdeiros na Segunda Internacional. (Anderson, 1989, p.112)

Essa especificidade do marxismo ocidental irá se manifestar em um conjunto de conceitos, que, como observa o historiador inglês, “refletiram ou anteciparam problemas reais e centrais que a história colocou ao movimento socialista no meio século seguinte à Primeira Guerra” (Anderson, 1989, p.122). E enumera, como exemplo, os conceitos de hegemonia em Gramsci, o conceito de natureza e a questão do seu domínio pelo homem em Adorno e Horkheimer, o conceito de sexualidade e sua relação com o processo civilizatório em Marcuse, o conceito de Escassez em Sartre, e de Ideologia em Althusser (Anderson, 1989, p.112-122). Anderson identifica igualmente um traço comum a todas essas inovações conceituais: “o pessimismo comum e latente. Todos os principais desenvolvimentos no interior desta tradição se distinguem do legado clássico do materialismo histórico pelo caráter sombrio de suas implicações históricas ou conclusões” (Anderson, 1989, p.123). E novamente aqui apareceria um traço distintivo entre as duas tradições marxistas.

Antes de passar ao capítulo onde analisará a tradição trotskista e as perspectivas teóricas abertas pelo Maio de 1968, Anderson faz um balanço conclusivo da tradição marxista ocidental:

O marxismo ocidental foi uma parte integrante desta história e nenhuma geração de socialistas revolucionários nos países imperialistas pode simplesmente ignorá-lo ou dele se desviar. Ajustar contas com esta tradição – i.e., conhecê-la e romper com ela – é, assim, um dos pré-requisitos para uma renovação da teoria marxista hoje. (Anderson, 1989, p.129)

E, concluindo, refere-se à necessidade de romper com outra característica dessa tradição: o seu caráter local (ocidental) – e, portanto, também oposta a outra característica da tradição clássica, o internacionalismo:

O termo “ocidental” implica inevitavelmente uma conotação de limitação. A falta de universalidade é um indicador de deficiência de verdade. O marxismo ocidental foi necessariamente menor que o marxismo na medida em que foi ocidental. O materialismo histórico só poderá exercer todo o seu potencial quando estiver livre de provincianismos de qualquer espécie. Estes poderes ainda precisam ser resgatados. (Anderson, 1989, p.129)

Por fim, em seu capítulo conclusivo, Perry Anderson, como já observamos anteriormente, fará breves observações sobre as perspectivas abertas pelo “levante revolucionário de massas” – “Maio de 1968 na França”, assim como pela

“mais ampla onda internacional de insurreições operárias no mundo imperialista, diferente de tudo que se viu desde o início da década de vinte” (Anderson, 1989, p.135-136). Para ele, esses acontecimentos espetaculares criaram a possibilidade de uma nova articulação entre teoria e prática no interior do marxismo:

Paralelamente, a série de levantes inaugurados pela revolta de maio teve também um impacto crítico sobre as perspectivas contemporâneas do materialismo histórico nas regiões mais avançadas do capitalismo. O marxismo ocidental, de Lukács e Korsch e Gramsci ou Althusser, ocupou, em muitos aspectos, a linha de frente do palco em toda a história intelectual da esquerda europeia, após a vitória de Stalin na URSS. Mas ao longo desse período, subsistiu e desenvolveu-se, fora da cena, outra tradição, de características inteiramente diferentes, e que pela primeira vez ganharia apoio político mais amplo durante e após a explosão na França. Estamos falando, evidentemente, da teoria e do legado de Trotsky. (Anderson, 1989, p.136)

Tradição essa que após a morte de Trotsky teria tido continuidade, primeiramente, nas obras dos historiadores originários da Europa Oriental Isaac Deutscher e Roman Rosdolsky; e posteriormente nos trabalhos de Ernest Mandel. Essa tradição, igualmente, se distinguia do marxismo ocidental. Anderson observa:

A tradição nascida com Trotsky constituiu assim um polo oposto, em muitos aspectos essenciais, àqueles do marxismo ocidental. Em sua mira estavam a política e a economia, em lugar da filosofia. Ela era resolutamente internacionalista e nunca circunscreveu seus interesses ou horizontes a uma única cultura ou país. (Anderson, 1989, p.140)

Por fim, prognosticava o nosso autor: “Tudo que se pode antecipar é que, quando as próprias massas se manifestarem, os teóricos – do tipo que o Ocidente produziu nos últimos cinquenta anos – necessariamente silenciarão” (Anderson, 1989, p.147). Aproximadamente dez anos após, em uma série de palestras na Universidade da Califórnia, publicadas sob o título *Nas trilhas do materialismo histórico*, retoma as conclusões principais de seu livro e acrescenta um balanço do desenvolvimento do marxismo ao longo da década de 1970 (Anderson, 1989, p.48).¹²

Uma crítica ao conceito de marxismo ocidental em Perry Anderson

A extensão e a importância das questões analisadas – e outras apenas acenadas (muitas delas, utilizando o recurso das notas de pé de página) – tornariam inviável

12 Consultar em particular o capítulo “Predição e desempenho” (Anderson, 1983, p.11-36). Visto que, em linhas gerais, as posições defendidas por Anderson, nesse ensaio, não alteram substancialmente as suas posições de *Considerações sobre o marxismo ocidental*, nos restringimos apenas a esta última.

uma análise sistemática ponto por ponto da referida obra; por isso, optaremos aqui por deter-nos em apenas alguns pontos centrais da sua argumentação, cuja importância permite problematizar seus argumentos principais.¹³

Um importante papel na distinção, proposta por Anderson, entre a tradição clássica e o marxismo ocidental, como vimos, consiste no deslocamento temático para a filosofia, a cultura e a arte realizado a partir da década de 1920 – deslocamento esse que foi acompanhado, por um lado, da procura de antecedentes filosóficos pré-marxistas, e, por outro, de um estreito diálogo com diferentes correntes teóricas burguesas.

Entretanto, uma investigação mais detida desse enunciado nos permite identificar uma excessiva simplificação na argumentação do historiador inglês, que tende, em muitos momentos, ora a acentuar excessivamente as diferenças entre as diferentes tradições, ora a mitigá-las no interior de uma mesma tradição.

Uma das críticas mais contundentes endereçadas a Perry Anderson foi elaborada pelo historiador das ideias Andrzej Walicki, que procurou mostrar o equívoco em identificar, na década de 1920 e no Ocidente, o surgimento da preocupação com a filosofia, a cultura e a arte no interior do marxismo. Walicki identifica, já ao longo da primeira década do século XX, em particular nos anos sucessivos à Revolução de 1905, uma série de autores nos quais essas questões já apareciam plenamente desenvolvidas, citando o polonês Stanisław Brzozowski e os russos Alexander Bogdanov e Anatóli Lunatcharski, entre outros, que já teriam, com mais de quinze anos de antecedência, realizado tal viragem no interior da tradição marxista. Analisando, em particular, a obra de Brzozowski,¹⁴ Walicki, na versão inglesa de seu livro redigido em 1975 e publicado em 1977 *Stanisław Brzozowski – drogi*

13 Para uma breve análise da relação do ensaio de Anderson com os debates desenvolvidos no interior do marxismo inglês, cf. o parágrafo “Le marxisme occidental et la génération des années soixante” [O marxismo ocidental e a geração dos anos sessenta], do artigo de Alex Callinicos (2001, p.80-83). Particularmente importante na argumentação do referido autor, é a referência a uma eventual ambivalência na obra de Anderson do período: enquanto em *Considerações sobre o marxismo ocidental* assumia uma posição crítica em relação ao marxismo ocidental, em outro livro do mesmo período, *Arguments within English Marxism* (1980) [Discussões no interior do marxismo inglês], apresentava uma defesa de Althusser contra as críticas a ele endereçadas por E. P. Thompson em seu livro *A miséria da teoria* (Callinicos, 2001, p.82).

14 Para uma breve análise da obra de Stanisław Brzozowski em português, consultar o artigo de Adam Walicki “O marxismo polonês entre os séculos XIX e XX”, reproduzido na *História do marxismo* de Eric J. Hobsbawm, em particular o parágrafo “A ‘filosofia do trabalho’ de Brzozowski” (Walicki, 1984, p.311-14); este trabalho é, entretanto, anterior à preocupação de Walicki em atribuir a Brzozowski a antecedência das concepções que posteriormente serão conhecidas como marxismo ocidental. Igualmente importante é o artigo traduzido para o espanhol do húngaro Gábor Gángó, “La controversia por las prioridades de Lukács/Brzozowski y sus consecuencias” (Gángó, 2009, p.83-118). O artigo de Gángó, que apresenta uma exposição da obra do filósofo polonês e das proximidades e diferenças entre Brzozowski e Lukács, está voltado à discussão da “questão das prioridades da criação do marxismo ocidental”. O artigo traz igualmente valiosas informações sobre a recuperação do pensador polonês no interior dos debates teóricos sucessivos a 1956, e ajuda a demonstrar como se desenvolveram na Polônia, nas décadas de 1960-1970, uma série de questões semelhantes às do marxismo ocidental. Voltaremos a essas questões a seguir.

myśli (Walicki, 2011),¹⁵ procurará identificar uma série de convergências temáticas e teóricas que aproximariam a reflexão de Brzozowski das obras de Lukács e Gramsci. Em uma passagem da sua autobiografia, Walicki expõe sinteticamente os argumentos desenvolvidos no prefácio à tradução inglesa de sua obra:

- Em primeiro lugar, foi uma reação contrária à interpretação determinista do materialismo histórico, tanto no nível filosófico (antimaterialismo), como no político;
- Em segundo, foi uma recusa do materialismo dialético de Engels e Plekhanov, reconhecendo que a “natureza é uma categoria social” e que a dialética se aplica somente à história;
- Em terceiro, foi um marxismo radicalmente antropocêntrico, portanto, “humanístico” no sentido de uma subjetividade do gênero;
- Em quarto, foi uma interpretação do materialismo histórico decididamente oposta ao determinismo tecnológico, concebendo a prática social como mediada pelas formas de consciência histórico-culturais;
- Em quinto lugar afinal, foi uma filosofia que acentuava claramente os problemas da alienação e da reificação, apesar de que somente Lukács (na sua *História e consciência de classe*, 1923) nobilitou em bases marxistas essa terminologia. (Walicki, 2010, p.224)

E na sequência, criticando diferentes versões do conceito de marxismo ocidental, acrescenta:

Este “neomarxismo”, assim entendido, não nasceu com Lukács, mas ao contrário das afirmações de influentes teóricos do “marxismo ocidental” (Perry Anderson, Martin Jay, e infelizmente também José G. Merquior), não foi algo propriamente ocidental. Surgiu não como uma reação ocidental ao marxismo soviético, mas uns dez anos antes da Revolução Russa, como uma crítica elaborada na Europa Central, e também na Rússia (Alexander Bogdanov e Anatóli Lunatcharski) ao marxismo da II Internacional. (Walicki, 2010, p.224)¹⁶

Como já foi igualmente observado por uma série de comentaristas que se ocuparam tanto do pensador polonês como dos pensadores russos, esses autores poderiam ser caracterizados como um exemplo da “virada antipositivista no interior

15 Nessa reedição do livro de Walicki, está incluída a introdução e o prefácio à edição inglesa de 1989. O livro reproduz igualmente uma carta de Ferenc Féher e Ágnes Heller, discutindo e apoiando as teses defendidas pelo autor.

16 Para uma análise das relações entre Brzozowski e Bogdanov e Lunatcharski, consultar o artigo de Walicki “Stanisław Brzozowski i rosyjscy ‘neomarksisści’ początku XX wieku” (Walicki, 1983). É importante lembrar que o antiengelsianismo é outra característica do pensamento de Brzozowski.

do marxismo” (Styczyński, 1990, p.10) ou como um “marxismo modernista” (Baczko, 1974, p.127-78).¹⁷

Se, por um lado, o nome de Brzozowski não é citado por Anderson, o nome de Bogdanov e de outros bolcheviques são referidos apenas de passagem, junto ao impacto do darwinismo na II Internacional, em uma nota de pé de página, referente ao “intercâmbio com sistemas de pensamento alheios ao materialismo histórico” (Anderson, 1989, p.85, nota 19, e p.104-5). Semelhante procedimento encontra-se, igualmente, no tratamento dado à influência do marxismo kantiano durante a II Internacional, quando afirma, novamente em uma nota de pé de página: “nenhuma formulação filosófica sistemática do tipo enunciado por Colletti chegou a relacionar a epistemologia de Kant à de Marx” (Anderson, 1989, p.105, nota 28).

De igual gravidade, ou até mesmo maior, pois se tratava de um fenômeno plenamente difundido, é o sistemático silêncio de Anderson com relação às diferentes correntes e a diferentes filósofos presentes no interior do marxismo da Europa Oriental, que tinham características próximas ao marxismo ocidental; ou seja, aos traços característicos do marxismo ocidental segundo Anderson, como: o problema da investigação dos sistemas filosóficos pré-marxistas (em particular Hegel) e da sua influência no pensamento de Marx, o intercâmbio teórico com diferentes correntes filosóficas burguesas. Esses traços são igualmente comuns a diferentes pensadores da Europa Oriental: Karel Kosik na Tchecoslováquia (e seu recurso à Fenomenologia de Husserl e Heidegger), a *Revista Práxis* e em particular Gajo Petrović na Iugoslávia (Fenomenologia de Heidegger), a “Escola de Budapeste” e, na década de 1970, a “Escola de Poznań” (Leszek Nowak e Jerzy Kmita, entre outros) na Polônia, que procurava realizar um diálogo com a filosofia analítica da Escola de Lvov-Varsóvia, para nos restringirmos, apenas, aos nomes de maior evidência. É importante destacar, nessa mesma direção, o caráter altamente problemático em dissociar a evolução do pensamento de Lukács, a partir dos anos 1930, dos debates desenvolvidos no interior do “marxismo oriental”.

Essas lacunas na reconstrução dos debates filosóficos ficam ainda mais evidentes se compararmos o texto de Anderson à reconstrução do pensamento filosófico marxista realizado, contemporaneamente, por André Tosel (2004),¹⁸ assim como às observações sobre as implicações políticas de diferentes posições filosóficas da II Internacional desenvolvidas por Alex Callinicos no capítulo “Marxismo e filosofia” do seu livro *O marxismo de Althusser* (1981).

Outra crítica endereçada a Anderson foi a do sociólogo americano Alvin Gouldner, elaborada em seu livro *The Two Marxisms, Contradictions and Anomalies in the Development of Theory* [Os dois marxismos, contradições e anomalias no

17 É importante lembrar que, partindo de uma avaliação distinta, Sebastiano Timpanaro identificava o antimaterialismo e antiengelssianismo como duas características do marxismo ocidental, à virada idealista do final do século XIX que marcou não só a cultura burguesa sucessiva, como também uma forte influência no interior do marxismo (Timpanaro, 1973, p.10-11, 125-26).

18 Korsch (2008, p.45ss), igualmente, destaca a importância da “recolocação do problema marxismo e filosofia” como um elemento restaurador do marxismo original.

desenvolvimento da teoria],¹⁹ publicado em 1980; suas críticas se concentram, fundamentalmente, na eventual ausência em Anderson de uma distinção entre “categorias analíticas” (no caso de Gouldner, como já observamos, “marxismo científico” e “marxismo crítico”) e “coisas concretas” (as análise geracionais utilizadas por Anderson em sua reconstrução do marxismo) (Gouldner, 1989, p.180-5).²⁰ O que teria levado o historiador inglês, por um lado, a realizar uma análise que não faria uma investigação do “entorno político-econômico” (Gouldner, 1989, p.180)²¹ e, por outro, a incluir em um mesmo grupo autores marxistas os mais distintos teoricamente.²² Sublinha, igualmente, o caráter anacrônico e lacunar²³ de algumas caracterizações propostas por Anderson, por exemplo, a ideia de que o pessimismo seria um dos traços característicos do marxismo ocidental (Anderson, 1989, p.181-2).²⁴

Igualmente insuficiente e lacunar é seu recurso à tradição trotskista, entendida por Anderson como uma tradição alternativa ao marxismo ocidental que manteve viva uma série de temas do marxismo clássico, por exemplo, as análises políticas de conjuntura (Trotsky) e das transformações ocorridas no Modo de Produção Capitalista (Ernst Mandel); ao lado dessas análises, particularmente importantes foram os trabalhos historiográficos desta geração (Trotsky, Deutscher e Rosdolsky), este último igualmente responsável por uma importante obra dedicada aos *Grundrisse* de Marx. Por um lado, as esperanças depositadas nessa tradição alternativa se demonstraram ilusórias com os acontecimentos de 1968 e seguintes (reconstruídos, como o próprio autor reconhece, em tons apocalípticos).²⁵ Por outro lado, novamente aqui aparece um tratamento seletivo e lacunar: outra tradição marxista de oposição representada pelos comunistas de conselho (Karl Korsch, Anton Pannekoek e Paul Mattick, entre outros) não é sequer mencionada, apesar

19 Alvin Gouldner procurou nesse livro elaborar uma crítica do marxismo, partindo de uma análise da contradição constitutiva dessa tradição, isto é, entre o “marxismo científico” e o “marxismo crítico”, concebidos como categorias analíticas, tipos ideais, que coexistiriam no seu interior. Uma discussão detalhada da análise de Gouldner ultrapassaria os limites deste artigo, portanto nos concentraremos apenas em algumas das suas críticas endereçadas ao livro de Anderson, *Apêndice I: Outras formulações de los marxismos* [Apêndice I: Outras formulações dos marxismos] (Gouldner, 1989, p.180-185). Para a distinção de Gouldner entre “marxismo científico” e “marxismo crítico” e o significado restrito deste último, cf. as rápidas observações de Göran Therborn (1995, p.241). Consultar nesse mesmo artigo as observações sobre a questão do marxismo “ocidental” (Anderson, 1989, p.248ss).

20 Semelhante crítica encontra-se em Walicki (2011, p.381-382).

21 Para as questões geracionais no interior de cada tradição, cf. as referências aos quadros de Anderson sobre cada tradição citados anteriormente.

22 Sobre o caráter problemático de se identificar a geração dos fundadores (Marx e Engels) com a geração sucessiva, seria interessante consultar a periodização proposta por Karl Korsch em seu livro *Marxismo e filosofia*, dos três grandes períodos da história do marxismo (Korsch, 2008, p.37).

23 Uma questão que mereceria uma interrogação é a lacuna de alguns nomes tanto na tradição clássica como na tradição do marxismo ocidental. Entre outros, na primeira estão ausentes os nomes de Eduard Bernstein e George Sorel; na segunda, os de Ernst Bloch e Bertolt Brecht. Sobre a ausência de Sorel, já interrogava Gouldner (1989, p.181).

24 Para a análise de Anderson do pessimismo: cf. (Anderson, 1989, p.123ss).

25 Uma crítica ao recurso à tradição trotskista como uma superação do marxismo ocidental também aparece em Gouldner (1989, p.183-184).

da intensa e contínua atividade teórica realizada por Mattick e das suas relações com os debates econômicos em torno dos temas da acumulação e crise suscitados pelo livro de Henryk Grossmann, assim como por suas análises críticas ao livro de Baran e Sweezy, *Capital monopolista*, e ao livro de Mandel, *Capitalismo tardio*.

Igualmente ausente é outra corrente que vinha se gestando ao longo da década de 1960 e ganhou um grande impulso após os acontecimentos de 1968: refiro-me ao fenômeno contraditório do maoísmo na Europa Ocidental, que encontrou um eco significativo, por exemplo, na França e na Itália, dando origem a importantes obras no campo da economia e da história (exemplos são os nomes de Charles Bettelheim e Gianfranco La Grassa), assim como de inúmeros teóricos da corrente althusseriana ou próximos dela, dos quais o mais importante foi Alain Badiou (Preve, 2003, p.155-68; Balibar, 1988, p.145-54).²⁶

Seria importante ainda acenar a outra característica decisiva do marxismo ocidental segundo Anderson: o divórcio entre teoria e prática, surgido de uma derrota e da sua futura migração para a Universidade (em particular as Faculdades de Filosofia): “a teoria marxista havia migrado quase totalmente para as salas das universidades, as quais eram ao mesmo tempo instâncias de refúgio e exílio das lutas políticas do mundo exterior” (Anderson, 1989, p.76). Se, por um lado, a descrição dada por Anderson corresponde, em linhas gerais, ao fenômeno ocorrido, por outro, sua interpretação parece não reconstruir plenamente a sua complexidade.

Primeiramente, Therborn no artigo já citado observa:

Dada a construção *post hoc* do “marxismo ocidental”, no entanto, não devemos tomar esta última conclusão como um fato histórico. Penso estarmos diante da interação de dois fatores distintos: o ambiente intelectual reinante na Europa no período do impacto inicial da Revolução de Outubro e a imagem do “marxismo ocidental” desenvolvida posteriormente na Europa Ocidental e na América do Norte. Em outras palavras, uma parte da resposta reside no fato de os filósofos serem predominantes por volta de 1917, outra no fato de os marxistas posteriores estarem à procura justamente de filósofos. (Therborn, 1995, p.254)

Independentemente da importância decisiva da crítica da economia política e da crítica da política para o marxismo, caberia aqui, entretanto, interrogar se os deslocamentos temáticos da economia política e política para a filosofia e a estética e sucessivamente (a partir da década de 1970) para os assim chamados estudos culturais não são, em certa medida, reflexo dos deslocamentos mais gerais sofridos pela ideologia burguesa. O destacado filósofo soviético Mikhail Lifschitz observa:

Karl Marx, o máximo pensador e líder do movimento operário revolucionário da classe operária, nasceu em uma época na qual o interesse havia começado já a

26 Não discutiremos aqui se o maoísmo já tinha ganhado suficiente densidade no Ocidente para Anderson se referir a ele ou não na primeira edição de seu livro.

se deslocar da arte e da literatura em direção à economia política e à sociologia. (Lifshitz, 1981, p.12)

Por outro lado, na sua introdução aos escritos de literatura e arte de Marx e Engels, o mesmo autor observa:

Há um nexos determinado entre o predomínio do oportunismo no movimento operário ao tempo da Segunda Internacional e o fato de relegar-se o ideal estético-social de Marx e Engels a segundo plano, como algo supérfluo para os socialistas. (Lifshitz, 2010, p.44)

Por outro lado, Therborn nos remete igualmente a questões associadas à institucionalização do espaço acadêmico e à possibilidade de carreira nas diferentes disciplinas universitárias, destacando que as faculdades de Filosofia seriam aquelas que estariam mais distantes dos “poderes e interesses da época” (Therborn, 1995, p.254).

Quanto ao problema da relação com a política, seria igualmente necessária uma análise mais aprofundada. Seria difícil fazer uma generalização comum a todos os autores; se, por um lado, nenhum dos autores do marxismo ocidental foi dirigente político, não se pode, por outro lado, excluir o impacto político de alguns deles, como Althusser e sua escola na França, e Della Volpe e sua escola na Itália (Tosel, 2004, p.1013-1041).

E, em último, cabe ainda fazer uma derradeira observação sobre as novas tarefas abertas ao marxismo após a vitória da Revolução Russa, partindo de um dos textos constitutivos do marxismo ocidental, *Marxismo e filosofia*. Korsch lá afirma:

Na época revolucionária da luta de classes em que já nos encontramos, é preciso formular de modo inteiramente novo a questão capital das relações entre a revolução proletária e a ideologia, tão negligenciada pelos teóricos socialdemocratas quanto o problema político da ditadura do proletariado, e, ao mesmo tempo, restaurar em sua autenticidade a concepção dialética revolucionária do marxismo original. (Korsch, 2008, p.47)²⁷

Nesse sentido, teria sido a própria Revolução que teria aberto um novo período para a teoria marxista, e conseqüentemente o marxismo no Ocidente (e não só nele) não teria sido apenas “resultado de uma derrota”, mas também resultado de uma vitória: a vitória da Revolução de Outubro.²⁸

27 Aliás, essa preocupação sobre a necessidade e a importância de pensar, de forma radicalmente nova, a questão da ideologia e da “ação espiritual” (Korsch, 2008, p.63) “antes, durante e depois da transformação das condições sociais de produção” (ibidem, p.143) é recorrente no livro de Korsch.

28 Somente partindo dos novos problemas postos pela Revolução Russa podemos compreender os importantes debates filosóficos e literários ocorridos na URSS nos anos 20, assim como o “debate sobre o expressionismo”, que envolveu, entre outros, Lukács, Brecht, Bloch e Hanns Eisler – debates esses indissociáveis dos novos problemas postos para a filosofia, a arte e a cultura em geral após a vitória da revolução.

Conclusão

Se em Perry Anderson a distinção entre marxismo ocidental, marxismo soviético, marxismo oriental está apenas implícita, na sequência, em diferentes livros, artigos e verbetes de diferentes dicionários, ela torna-se explícita. Vejamos alguns exemplos:

Andrew Arato e Paul Breines o definem, em seu já citado livro dedicado a Lukács e às origens do marxismo ocidental, da maneira seguinte: “Uma teoria marxista dialética hegeliana, humanista, autocrítica, em oposição ao marxismo soviético, politicamente mais poderoso e internacionalmente mais influente” (Arato e Breines, 1986, p.12). No mesmo sentido, observa Michael Löwy: “Este termo é utilizado para designar certas correntes da filosofia marxista que se desenvolveram na Europa Ocidental a partir da Primeira Grande Guerra e que se distinguem da (ou se opõe à) ortodoxia marxista ‘oriental’, i.e. soviética” (Löwy, 1982, p.717). Por sua vez, Russel Jacoby:

Na década de 1920, desenvolveu-se, na Europa Central e Ocidental, um pensamento filosófico e político marxista que pôs em questão o marxismo soviético que então codificava as conquistas da Revolução Russa. (...) Em um sentido mais amplo, houve, é claro, muitas outras formas influentes de pensamento marxista na Europa Ocidental que rejeitaram a versão soviética da teoria de Marx, entre as quais o austro-marxismo e o marxismo “holandês” (Pannekoek). (Jacoby, 1988, p.249-250)

Entretanto, o caráter ainda mais arbitrário dessas distinções pode ser observado no verbete “marxismo na Europa Oriental” de Andrew Arato, no *Dicionário do pensamento marxista* de Tom Bottomore:

A história do marxismo no Leste europeu como um campo de produção dotado de perfil próprio começa com a integração dessa região no bloco soviético. Em período anterior, as obras de algumas importantes figuras originárias de países da Europa Oriental de hoje, ou que neles residiram e produziram, devem ser associadas à história do marxismo soviético (por exemplo, Dmitrov, Varga, Lukács entre 1930 e 1945) ou ao que Merleau-Ponty chamou de marxismo ocidental (por exemplo, Lukács entre 1918 e 1929, Bloch). De modo análogo, se bem que mais controverso, somente abordagens não ortodoxas pertencem ao que aqui se entende como esse campo de produção teórica: a ortodoxia do período pós-1945 (seu conteúdo, fases de desenvolvimento e função social) prende-se à carreira do marxismo soviético na Europa Oriental. Finalmente, o marxismo iugoslavo, embora geograficamente localizado nessa região, pertence intelectualmente, em sua maior parte, ao corpo de pensamento marxista ocidental. (Arato, 1988, p.246)

A arbitrariedade das delimitações do “marxismo ocidental” encontra, por sua vez, um paralelo no tratamento simplificador dado ao seu correspondente especular,

o “marxismo soviético”/“marxismo oriental”, na grande maioria das vezes tratado de forma homogênea e reducionista. Essa imagem foi acentuada, ainda mais, pela ampla difusão encontrada pelo livro de Herbert Marcuse *Marxismo soviético: uma análise crítica* (1958), como já foi sublinhado por Umberto Cerroni (1976, p.25-26, nota 1). Uma breve reconstrução histórica do desenvolvimento do marxismo na URSS e nos países da Europa Oriental permitiria identificar tanto a existência de diferentes períodos, como de uma pluralidade de temáticas que problematizam o caráter arbitrário e simplificador dos referidos conceitos (Cerroni, 1976; Bal, 1977; Tagliagambe, 1979).

Portanto, essas amplas generalizações, antes de constituírem um instrumento fértil de periodização e análise, acabam, independentemente das intenções dos autores, por se transformar em um obstáculo para uma reconstrução histórica da tradição marxista no século XX.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo: uma introdução a um debate contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- . *Considerações sobre o marxismo ocidental*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ARATO, Andrew. Marxismo na Europa Oriental. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.
- ; BREINES, Paul. *El joven Lukács y los orígenes del Marxismo Occidental*. México: FCE, 1986.
- BACZKO, Bronisław. Absolut moralny I faktyczność istnienia. Brzozowski w kręgu antropologii Marksa. In: WALICKI, Adam; ZIMAND, Roman. *Wokół myśli Stanisława Brzozowskiego*. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 1974.
- BAL, Karol. Rozwój radzieckich badań heglonawczych. Główne etapy dyskusji wokół filozofii Hegla w ZSSR. In: *Acta Universitatis Wratislaviensis*. n.353 – Prace Filozoficzne XXI, Wrocław, 1977.
- BALIBAR, Etienne. Mao: critique interne du stalinisme?. *Actuel Marx*, Paris, PUF, n.3, 1988.
- BHASKAR, Roy. Ciência. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*, v.I. Rio de Janeiro: Contraponto/Eduerj, 2005.
- CALLINICOS, Alex. *Il marxismo di Althusser*. Bari: Dedalo, 1981.
- . Où va le marxisme anglo-saxon?. In: BIDET, Jacques; KOUVÉLAKIS, Eustache. *Dictionnaire Marx Contemporain*. Paris: PUF, 2001.
- CERRONI, Umberto. Note sul materialismo dialettico soviético. In: CERRONI, Umberto. *Materialismo Storico e scienza*. Lecce: Milella, 1976.
- COLLETTI, Lucio. Entrevista político-filosofica. In: ———. *Intervista politico-filosofica*. Bari: Laterza, 1975.
- . O marxismo do século XX. In: ———. *Ultrapassando o marxismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- DEUTSCHER, Isaac. El Marxismo de nuestro tiempo. In: ———. *El Marxismo de nuestro tiempo*. México: Era, 1975.

- GÁNGÓ, Gábor. *Marxismo, Cultura, Comunicación: De Kant y Fichte a Lukács y Benjamin*. Buenos Aires: Herramienta, 2009.
- GOULDNER, Alvin W. *Los dos marxismos: Contradicciones y anomalías en el desarrollo de la teoría*. 2 ed. Madrid: Alianza, 1989.
- JACOBY, Russel. Marxismo occidental. In: BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- KOŁAKOWSKI, Leszek. *Główne Nurty Marksizmu*, v.1-3. Varsóvia: PWN, 2009.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- LIFSCHITZ, Mikhail. Prólogo. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura* textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LIFSHITZ, Mijail. *La filosofía del arte de Karl Marx*. México: Siglo XXI, 1981.
- LÖWY, Michel. Marxisme Occidental. In: LABICA, Georges; BENSUSSAN, Gérard. *Dictionnaire Critique du Marxisme*. Paris: PUF, 1982.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARCUSE, Herbert. *El marxismo soviético*. Madri: Alianza, 1969.
- MARKUS, Gyorgy. *Langage et production*. Paris: Denoël/Gonthier, 1982.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Les Aventures de la dialectique*. Paris: Gallimard, 1955.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Marxismo occidental*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- PREVE, Costanzo. Considerazioni critiche sulla corrente teorica del maoismo (Appendice B). In: PREVE, Costanzo. *Un secolo di marxismo: Idee e ideologie*. Pistoia: CRT, 2003.
- STYCZYŃSKI, Marek. *Filozofia społeczna Aleksandra Bogdanowa*. Lodz: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego, 1990.
- TAGLIAGAMBE, Silvano. *Materialismo e Dialettica nella Filosofia Sovietica*. Torino: Loescher, 1979.
- THERBORN, Göran. Dialética da modernidade: a teoria crítica e o legado do marxismo do século XX. *Dados Revista de Ciências Sociais*, v.38, n.2. Rio de Janeiro, 1995.
- TIMPANARO, Sebastiano. *Praxis Materialismo y Estructuralismo*. Barcelona: Fontanella, 1973.
- _____. Lapsus Freudiani e Lapsus di Freudiani. In: _____. *La "Fobia Romana" e altri scritti su Freud e Merringer*. Pisa: ETS, 1992.
- TOSEL, André. Le développement du marxisme en Europe occidentale depuis 1917. In: BELAVAL, Yvon. *Histoire de la Philosophie III*, v.2. Paris: Gallimard/Folio, 2004.
- VRANICKI, Pedrag. *História del Marxismo*, v.1-2. Salamanca: Sigueme, 1977.
- WALICKI, Adam. Stanisław Brzozowski i rosyjscy "neomarksści" początku XX wieku. In: _____. *Polska, Rosja, marksizm Studia z dziejów marksizmu i jego recepcji*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1983.
- _____. O marxismo polonês entre os séculos XIX e XX. In: HOBBSAWM, Eric J. *História do marxismo*, v.3. *O marxismo na época da Segunda Internacional (Segunda parte)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. *Idee i ludzie Próba autobiografii*. Varsóvia: IHN PAN, 2010.
- _____. *Stanisław Brzozowski – drogi myśli*. 2.ed. Cracóvia: Universitas, 2011.
- ZANARDO, Aldo (org.). *Storia del Marxismo Contemporaneo*. Istituto Giangiacomo Feltrinelli, Annali. Milão: Feltrinelli, 1973.

Crítica ao conceito de marxismo ocidental

PEDRO LEÃO DA COSTA NETO

Resumo: As primeiras referências à noção de marxismo ocidental remontam aos debates sucessivos à publicação, nos anos 1920, das obras de Lukács *História e consciência de classe* e de Korsch *Marxismo e filosofia*. Elas foram retomadas em 1955 com o livro de Merleau-Ponty *Les aventures de la dialectique*, no qual o “marxismo ocidental” de Lukács está contraposto ao leninismo. Entretanto, será somente a partir de 1976, com o livro de Perry Anderson *Considerations on Western Marxism*, que o conceito terá uma grande difusão, tornando-se um verdadeiro “paradigma” que servirá para caracterizar grande parte da produção teórica do marxismo elaborado no Ocidente a partir dos anos 1920. O objetivo deste artigo é procurar destacar o caráter arbitrário do conceito, fundado em amplas generalizações, que, antes de constituírem um instrumento de periodização e análise, tornam-se um obstáculo para uma reconstrução histórica da tradição marxista no século XX.

Palavras-chave: marxismo ocidental, Perry Anderson, marxismo soviético, marxismo oriental.

Abstract: The first references to the notion of Western Marxism can be traced back to successive debates in the years 1920, after the publication of Lukács’s *History and class consciousness* and Korsch’s *Marxism and Philosophy*. They will reappear in 1955, with Merleau-Ponty’s *Les aventures de la dialectique*, where the “Western Marxism” of Lukács is opposed to Leninism. However, it will be only after 1976, with Perry Anderson’s *Considerations on Western Marxism*, that the concept will have a large spread, becoming a paradigm which will serve to characterize a large part of the theoretical production of Marxism developed in the West since 1920. The purpose of this article is to demonstrate the arbitrary character of the concept, founded on broad generalizations, which rather

than being an instrument of periodization and analysis, become an obstacle to a historical reconstruction of the Marxist tradition in the twentieth century.

Keywords: Western Marxism, Perry Anderson, Soviet Marxism, Eastern Marxism.

Os invasores de Marx: sobre os usos da teoria marxista e as dificuldades de uma leitura contemporânea

MICHAEL HEINRICH

Resumo: A “nova leitura de Marx” proposta no artigo afasta-se tanto do “operaísmo” de Antonio Negri ou Karl Heinz Roth, em sua crença de que algumas importantes categorias elaboradas por Marx já não são mais capazes de dar conta do capitalismo contemporâneo, quanto da ideia de uma *Weltanschauung* marxista que forneceria respostas para todas as questões históricas, sociais ou filosóficas preexistentes. A “nova leitura de Marx” reconhece que seu legado está composto por um gigantesco e desigual conjunto de trabalhos teóricos fragmentados, porém que em seu nível de generalidade constituem um indispensável instrumento para a compreensão de nossa época.

Palavras-chave: Marx, filosofia da história, colapso final, mais-valia relativa.

Abstract: The “new reading of Marx” proposed in this article deviates from Antonio Negri’s or Karl Heinz Roth’s “operaísmo” in their belief that some important categories developed by Marx are no longer able to account for contemporary capitalism, and from the idea of a Marxian *Weltanschauung* providing answers to all the pre-existent historical, social or philosophical issues. The “new reading of Marx” acknowledges that his legacy is composed by a gigantic and unequal set of fragmented theoretical works, which on their level of generality are an indispensable tool for understanding the contemporary situation.

Keywords: Marx, philosophy of history, final collapse, relative surplus value.

Capitalismo e relações internacionais: uma crítica a Schumpeter, Keynes e Hayek

DANIEL AUGUSTO FELDMANN

Resumo: Neste artigo, traçaremos uma análise da visão acerca das relações internacionais em três autores importantes do pensamento econômico do século XX: Schumpeter, Keynes